# MOVIMENTO

## A Hora dos Curtos

A experiência de diversos centros produtores, sobretudo os da Europa, revela que a prática do curta-metragem (de ficção, educativo, cultural) supre a ausência de escolas de formação técnico-profissional. Exemplo recente é a "nouvelle vague", que renovou os quadros profissianais do cinema francês. Apesar de contar com o IDHEC, a maioria de seus neo-realizadores preferiu apurar sua técnica na área do filme curto, antes de alçar-se à produção comercial. Na França, o cinema de curta metragem tem trânsito fácil nas salas exibidoras, o que estimula a produção e garante aos diretores continuidade de trabalho. Resolução do INC aplica o exemplo francês ao caso brasileiro. Curtos merecedores de uma "Classificação Especial" passam a ter assegurada a sua exibição durante 28 dias por ano em todos os cinemas do País e se beneficiam com o preço de locação, equivalente a 8% do número de poltronas existentes na sala exibidora, em cada sessão, calculado pelo maior preço da respectiva sala.

Para conferir a "Classificação Especial" foi nomeada comissão de cinco membros pelo Conselho Deliberativo: um representante do INC, Gilberta Mendes, presidente do júri; um representante da Câmara de Artes do Conselho Federal de Cultura, escritor Octávio de Faria; um jornalista, Cicero Sandroni; e dois críticos de cinema, Pedro Lima e Paulo Perdigão. Em suas reuniões semanais, a comissão tem examinado os curtos inscritos e a "classificação" é atribuída por maioria simples de votos. Todos os filmes são debatidos pelo júri, tendo em vista seu nível técnico-artístico e seu aspecto cultural

Entre os filmes já beneficiados com a medida, figuram **Brasília, Contradições de uma Cidade Nova**, de Joaquim Pedro de Andrade, **Nossa Senhora dos Remédios de Parati**, de Pedro Carlos Rovai, **Lima Barreto — Trajetória**, de Júlio Bressane, **Heitor dos Prazeres** e **Ver, Ouvir**, ambos de Antonio Carlos Fontoura, **Em Busca do Ouro**, de Gustavo Dahl. O filme de Joaquim Pedro é uma visão diferente da capital federal, focalizando a rotina cotidiana da metrópole e, segundo a técnica do cinema-verdade, recolhendo impressões da cidade-satélite e acompanhando o destino dos emigrantes que chegam do Nordeste em busca de trabalho. **Heitor dos Prazeres** e **Lima Barreto** oferecem dois retratos cinematográficos em tom semidocumentário, o primeiro a côres e o segundo biografando o escritor à luz de uma época do Rio de Janeiro. Ambos documentam momentos da vida carioca e suas raízes de cultura, enquanto **Ver, Ouvir** é uma projeção ao universo quase cibernético de certa arte moderna. **Nossa Senhora dos Remédios de Parati** combina a gênese da obra da pintora Djanira com imagens da cidade fluminense. **Em Busca do Ouro**, filmado em Ouro Prêto, focaliza a "época do ouro" em Minas Gerais. O mais longo dêsses filmes vai a 20 minutos de projeção. O mais importante, naturalmente, não é o caráter competitivo da "Classificação Especial" mas a oportunidade que abre a cineastas jovens de tentarem carreira profissional. O simples fato de haver essa oportunidade à vista, é um estímulo à produção. (P. R. B.)

# REGISTROS

## George Sadoul

Georges Sadoul, um dos mais prolíferos e conhecidos críticos e historiadores de cinema, morreu em 13 de outubro último, com 63 anos. Nascido a 4 de fevereiro de 1904, em Nancy, França era professor do Instituto de Filmologia da Sorbonne, membro do Conselho de Administração da Associação Francesa de Críticos Cinematográficos e crítico titular do cotidiano "L'Humanité" e do periódico "Les Lettres Françaises".

Visitou o Brasil em 1960, quando teve oportunidade de assistir a vários filmes nacionais, e, entre outros cineastas, conheceu Humberto Mauro, cujo **Ganga Bruta** considerou uma das 100 mais importantes realizações de todos os tempos.

É autor de vasta bibliografia, — poucos livros vertidos para o português — da qual podem ser citados os seguintes títulos: "Histoire Générale du Cinéma" (cinco volumes), Éditions Denoel; "Le Cinéma Français" (1890-1962) e "Histoire du Cinéma Mondial", Editions Flammarion; "Georges Méliès", "Louis Lumière", Éditions Seghers. (J. R.)

## Julien Duvivier

"De todos os diretores franceses, dos que continuam em atividade regular, sou o mais antigo. René Clair começou em 1923, Renoir em 1924 — quando começaram, porém, eu já havia dirigido muitos filmes." Assim falava Duvivier, em entrevista a Moniz Vianna, em 1957. "Êsse parece o título de que mais se orgulha Duvivier", dizia MV; "duas vêzes, durante nosso encontro em sua residência, a êle se referiu o cineasta de **Pépé-le-Moko/O Demônio da Algéria**, como se desejasse tornar bem clara a sua condição de veterano n.º 1". De fato, Julien Duvivier, falecido a 29 de outubro último (em um desastre de automóvel) foi o mais ativo dos bons realizadores franceses, e, um ano antes da entrevista citada, realizara o excelente (e geralmente subestimado) **Voici le Temps des Assassins**, baseando-se em um romance de Maurice Bessy, com Jean Gabin e Danièle Delorme. Depois, quase paralelamente à queda do ritmo de trabalho, sua filmografia registraria sucessos de bilheteria (**Pot-Bouille; Le Diable et les Dix Commandements; La Chambre Ardente**) reveladores de crescente declínio de inspiração. Nos últimos anos registrou-se até mesmo sob o ponto de vista "artesanal" um arrefecimento do ímpeto daquele que, durante as décadas de 30, 40 e 50, estêve — mesmo nos momentos menos inspirados — entre os realizadores mais completos e seguros da França.

Duvivier morreu aos 71 anos. Nasceu em 8 de outubro de 1896, em Lille. Deu seus primeiros passos artísticos na qualidade de ator, muito cedo, e aproximou-se da "mise-en-scène" via teatro, como assistente. Seu trabalho na criação cinematográfica teve início pelo roteiro de **La Reincarnation de Serge Renaudier**, em 1918. No mesmo ano abordou a direção, com **Haceldama**, interpretado por Séverin Mars, que depois seria protagonista do famoso **La Roue**, de Abel Gance. Até o advento do som, fêz cêrca de vinte e cinco filmes — um têrço de sua filmografia global. Na fase silenciosa são assinaláveis, entre outros, um documentário sôbre o cinema, **La Machine à Refaire la Vie** (1924), de parceria com Henri Lepage; **Poil de Carotte**, primeira versão da peça de Jules Renard (1925); e outros filmes populares, como **L'Agonie de Jérusalem** (1927).

Com a segunda versão de **Poil de Carotte** (1932), interpretada por Harry Baur e Robert Lynen, o prestígio de Duvivier começa a subir. **La Tête d'un Homme** (1933) confirma essa ascensão: já é o narrador seguro, e um dos melhores diretores de atôres (Baur, Gina Manès) dêsse período. Dirige Gabin em **Marie Chapdelaine**

"Pépé-Le-Moko", de Julien Duvivier (1937).

(1934), **Golgotha** e **La Bandera/A Bandeira** (1935), **La Belle Équipe/Camaradas** e **Pépé-le-Moko** (1936); Harry Baur também em **Golgotha** (tão elogiado pelo elenco como pela plasticidade), **Le Golem/Golen, o Monstro de Barro** (1936), **Un Carnet de Bal/Carnet de Baile** (1937); Viviane Romance em **La Bandera** e **La Belle Équipe**; Louis Jouvet em **Un Carnet de Bal, La Charrette Fantôme/O Fantasma da Esperança** (1939), **La Fin du Jour**...

Nessa época, **La Belle Équipe** sintetiza em seu título uma das melhores virtudes do cinema francês/1930-40: antes de ser um alvo da campanha promocional geradora da Nouvelle Vague, "la qualité française" resultava sobretudo das excelentes equipes de roteiristas, atôres, cenógrafos, fotógrafos, musicistas, que permitiam a plena realização de cineastas como Carné, Renoir, Duvivier. **La Belle Équipe** representando o realismo popular (sem as demagogias sociopolíticas então geradas pelo Front Populaire); **Pépé-le-Moko**, provàvelmente sua obra-prima, assinalando, de par com salutar influência do filme de "gangsters" americano, o ápice do senso de atmosfera e de caracterização psicológica do diretor; **Un Carnet de Bal** marcando um clímax do lirismo amargo dessa Idade de Ouro do cinema francês — talvez sejam confirmados, numa revisão crítica, como os melhores trabalhos de Duvivier. Mas, além de outros grandes êxitos populares (**The Great Waltz/A Grande Valsa**, 1938), devem ser registradas as "réussites" de sua fase americana (**Tales of Manhattan/Seis Destinos**, 1942; **Flesh and Fantasy / Mistérios da Vida**, 1944), e os bons momentos posteriores à guerra (como **Panique/Pânico**, 1946; **Sous le Ciel de Paris**, 1950; **La Fête à Henriette/A Festa do Coração**, 1952). Não incluímos nessa lista o "favorito" confessado por Duvivier: **Marianne de ma Jeunesse/Mulher de Meus Sonhos**, 1954), com ponderáveis qualidades a serviço de uma poesia postiça. Nem os popularíssimos filmes de evidente comercialismo baseados nos personagens de Guareschi (o padre e o deputado comunista), realizados na Itália: **Don Camillo/O Pequeno Mundo de Don Camillo**, 1951), e **Il Ritorno di Don Camillo** (1953), com Fernandel e Gino Cervi. Aliás, sempre um narrador comunicativo, Duvivier conseguiria até nos trabalhos mais despretenciosos da última fase interessar o grande público. (A. S.)

## Charles Bickford

Vítima de pneumonia, morreu no dia 9 de novembro, o ator Charles Bickford. Diziam os telegramas: "Depois de sofrer, em julho último, um ataque de enfisema pulmonar, Bickford foi hospitalizado; mais tarde a enfermidade se complicou com uma infecção no sangue — um amigo disse que até a hora de sua morte êle ainda era "duro e forte". Assim também ficou a lembrança dêste ator: um forte! Desde 1929, quando iniciou sua carreira de ator de cinema, em **Dynamite/Bonecas de Lama** dirigido por Cecil B. De Mille. Ùltimamente na condição de coadjuvante, em papéis marcados pela nobreza de caráter e de fôrça humana; capaz de enfrentar com grandeza os problemas da vida, Charles Bickford era considerado um dos bons atôres do elenco "hollywoodiano". Cabelos côr de fogo, alto, pele queimada e olhos penetrantes, o ator fêz valer uma forte personalidade e uma simpatia rara. Morreu aos 78 anos de idade, ainda em atividade (estava atuando em televisão, no papel de um rude rancheiro da série "O Homem de Virgínia"), tendo deixado viúva a atriz Beatrice Loring, com quem se casou em 1919, e dois filhos, Rex e Doris. Nasceu a 1.º de janeiro de 1891, em Massachusetts, Cambridge, EUA. Escreveu um livro autobiográfico, "Bulls, Balls, Bicycles and Actors", onde narra com vivacidade sua vida de "lenhador, vagabundo, vendedor, exterminador de baratas, ator de teatro e de cinema". Entre os 80 filmes em que trabalhou destacam-se: **Anna Christie**, de Clarence Brown, com Greta Garbo (em 1929); **The Plainsman/Jornadas Heróicas**, de Cecil B. De Mille (1936); **Of Mice and Men/Carícia Fatal**, de Lewis Milestone (1940); **Reap the Wild Wind/Vendaval de Paixão**, de De Mille (1952); **The Song of Bernadette/A Canção de Bernadete**, de Henry King, com Jennifer Jones (1943); **Duel in the Sun/Duelo ao Sol**, de King Vidor (1947); **Woman on the Beach**, de Jean Rendoir, com Joan Bennett (1947); **Brute Force/Brutalidade**, de Jules Dassin (1947); **Johnny Belinda/Belinda**, de Jean Negulesco, com Jane Wyman (1948) — nesta ocasião, candidatou-se ao Oscar de melhor coadjuvante, tendo perdido para Walter Huston, de **O Tesouro de Sierra Madre; A Star Is Born/Nasce uma Estrêla**, de George Cukor, com Judy Garland (1955); **The Big Country/Da Terra Nascem os Homens**, de William Wyler (1957). (C. F.)

---

Textos de MOVIMENTO foram redigidos por J. R. (Jaime Rodrigues), A. S. (Alfredo Sthodart), P. R. B. (P. R. Browne), M. H. (Maria Helena), C. F. (Carlos Fonseca), E. A. (Ely Azeredo).